



RELATÓRIO - OFICINA ABERTA

Como ampliar a cobertura do oceano: diálogos para expandir as vozes do mar?

Tema 5: Cultura oceânica e justiça, equidade, diversidade e inclusão

Data: 09 de setembro de 2026

Horário: a partir das 18h

Local: Zoom

Total de inscritos: 187

Pico de participantes simultâneos: 63

Público total estimado: ~80

7 Desafios que a cobertura sobre o oceano enfrenta:

- A qualidade da cobertura do oceano é superficial e tem dificuldades de usar dados e descrever termos técnico-científicos;
- Há invisibilidade de vozes de comunidades indígenas e tradicionais;
- Não há equidade de gênero entre as fontes de informação;
- Distanciamento da sociedade (sobretudo público distante do litoral) com o oceano;
- Falta investimento para fomentar coberturas investigativas e em campo e jornalismo local e regional;
- Falta priorizar o oceano de forma transversal, para além do lazer e dos desastres ambientais;
- Falta formação especializada em cultura oceânica para comunicadores e jornalistas.

A Oficina Livre “*Como ampliar a cobertura do oceano: diálogos para expandir as vozes do mar*” compõe o esforço, liderado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Oceânicas (INPO), de **atualizar** o [Plano Nacional de Implementação da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável](#), que servirá como um instrumento para planejar a segunda metade da Década, que se encerra em 2030.

Ela faz parte do TEMA 5 - Cultura Oceânica e Justiça, Equidade, Diversidade e Inclusão e integra o Fundo Semear 2026, do Pulitzer Center, que apoia a Coalizão pelo Oceano Atlântico formada pela Rede Ressoa Oceano, projeto da Universidade Estadual de Campinas, e pelos veículos jornalísticos independentes Correio Sabiá e ((o))eco.

A oficina foi realizada em formato virtual, via plataforma StreamYard, no dia 9 de setembro de 2026, entre as 18h e as 19h30. Contou com um total de 187 inscritos e a participação simultânea de 63 pessoas.

O tema central foi as formas de ampliar a cobertura do jornalismo oceânico como vetor de cultura, equidade e inclusão: como comunicadores, cientistas e comunidades locais podem co-produzir narrativas sobre o oceano que sejam culturalmente acessíveis, diversas e politicamente relevantes.

As contribuições das palestrantes convidadas e dos participantes foram coletadas para desafios e recomendações a serem incluídos no Plano.

Este relatório organiza e sistematiza as contribuições coletadas na oficina livre **“Como ampliar a cobertura do oceano: diálogos para expandir as vozes do mar”** durante a atividade desenvolvida com os participantes, além daquelas mencionadas pelas três convidadas: Alice Pataxó, Débora Gallas e Paulina Chamorro.

Os resultados coletados na atividade foram sistematizados com apoio de IA (Gemini) no dia 16 de setembro de 2026, a partir das contribuições originais feitas na plataforma Canva durante a Oficina. Tudo foi humanamente revisado pelas organizações acima descritas.

Este relatório também inclui a análise das respostas a um formulário submetido a todas as pessoas que se inscreveram na Oficina Livre, com um total de 28 respostas.

1) Resumo das contribuições das três convidadas sobre os principais desafios e recomendações para melhorar a cobertura do oceano na mídia

Desafios, dificuldades e problemas na cobertura do oceano:

- **Invisibilidade e foco restrito:** A pauta ambientalista e climática costuma concentrar-se prioritariamente em florestas (especialmente na Amazônia), deixando o oceano em segundo plano.
- **Afastamento das identidades tradicionais:** Há uma desconexão histórica entre as populações indígenas/tradicionais e a pauta sobre o oceano, além do distanciamento do jornalismo das bases comunitárias, agravado pelos algoritmos.
- **Invisibilidade e falta de equidade de gênero:** Mulheres, comunicadoras comunitárias e lideranças locais têm menos espaço e visibilidade no jornalismo.
- **Cobertura midiática rasa:** A mídia enfoca o oceano via turismo ou pesca exploratória, frequentemente sem dados acessíveis às próprias comunidades locais.
- **Complexidade da linguagem científica:** Dificuldade em explicar jargões acadêmicos, metodologias e dados em textos jornalísticos.
- **Conflito de temporalidades:** O tempo da ciência (longo, focado em testes, revisões e evidências) diverge do tempo do jornalismo (pautado pelo imediatismo e pela busca por notícias quentes).
- **Enquadramentos clichês e alarmismos:** A imprensa costuma tratar de pautas repetitivas (ex.: lixo marinho e turismo) ou abordagens com tom de catástrofe.
- **Sub-representação de temas estruturais:** Pouca entrada no noticiário de discussões sobre políticas públicas, arcabouço legislativo, mineração em águas profundas e inclusão do oceano nas decisões geopolíticas mundiais.
- **Sensação de distanciamento público:** Fenômenos físico-químicos (como acidificação ou branqueamento de corais) são percebidos pelo público como eventos remotos e desconectados do seu cotidiano.

Recomendações e sugestões:

- **Valorização e inclusão da presença indígena e de povos tradicionais:** Reconhecer os povos indígenas e as comunidades pesqueiras/costeiras como centrais na preservação ambiental, compreendendo o oceano como local de pertencimento cultural, alimento e cura espiritual.
- **Conexão territorial, o oceano como ecossistema vital:** Sensibilizar a sociedade para o fato de o oceano ser essencial para a sobrevivência humana e sua integração com bacias hidrográficas, sistemas de chuva e biomas terrestres;
- **Diversidade de vozes, protagonismo feminino e de comunidades tradicionais:** Promover equidade de gênero entre as fontes, visibilizar o protagonismo de mulheres na pesquisa e na linha de frente da conservação e preservação do oceano e valorizar a diversidade regional e os conhecimentos de comunidades indígenas e tradicionais;
- **Devolutiva às comunidades:** Produzir conteúdos em formatos acessíveis para que a informação retorne aos territórios e às populações envolvidas na cobertura.
- **Conexão entre comunicação e política:** Levar o debate do ativismo e da comunicação para a esfera política e legislativa;
- **Múltiplas linguagens e públicos:** Combinar textos, áudio (podcasts/rádio), vídeos e redes de mensagens para ampliar o alcance e democratizar a informação;
- **Trabalho em rede e coletividade:** Desenvolver estratégias de comunicação em parceria entre veículos, ONGs e projetos locais para potencializar o impacto;
- **Apoio ao trabalho do jornalismo:** Estimular coberturas aprofundadas que incluam visitas a territórios, entrevistas com membros e lideranças comunitárias;
- **Transversalidade nas editoriais:** Levar as pautas oceânicas para além do meio ambiente, conectando-as à economia, aos direitos humanos e à urbanização, por exemplo;
- **Conexão emocional com o oceano:** Usar técnicas de *storytelling* humanizado, capazes de emocionar e criar vínculos entre o público e as causas socioambientais.

2) Resumo das contribuições durante a Oficina Livre (Figura 1)

O levantamento reúne **65 contribuições** organizadas em 3 grupos de trabalho:

- **Grupo 1:** 27 contribuições no total (15 Desafios e 12 Recomendações).
- **Grupo 3:** 25 contribuições no total (13 Desafios e 12 Recomendações).
- **Grupo 2:** 13 contribuições no total (6 Desafios e 7 Recomendações).

Desafios principais mencionados pelos grupos:

- **Complexidade Científica, Superficialidade e Sensacionalismo** (*Grupos 1-3*)
Dificuldade em traduzir métricas e dados complexos de artigos científicos para uma linguagem simples e acessível. Escassez ou dificuldade de acesso a dados científicos consolidados e regionalizados, gerando assimetria na cobertura nacional. Uso de jargões acadêmicos ou linguagem técnica, falta de treinamento em questões científicas nas redações, cobertura presa a clichês (foco em lixo e turismo) e enquadramentos alarmistas que causam paralisia em vez de engajamento;
- **Apagamento de Fontes Locais e Saberes Tradicionais** (*Grupos 1 e 2*)
Invisibilização de comunidades costeiras, marisqueiras, pescadores, indígenas,

quilombolas e mulheres, combinada à dependência excessiva de fontes governamentais ou ONGs internacionais;

- **“Invisibilidade” do Oceano e Distanciamento Físico da Pauta** (*Grupos 1 e 2*)
Predomínio do viés urbano e continental na mídia, tratando o mar como um cenário distante de lazer e dificultando a percepção do oceano no cotidiano de populações do interior ou da Amazônia;
- **Escassez de Financiamento e Editais Estruturados** (*Grupos 1 e 2*)
Falta de incentivo financeiro contínuo e de bolsas de reportagem para a mídia independente, comunicadores locais e regionais e veículos sem vínculo institucional.
- **Fragilidade de Canais de Denúncia e Governança** (*Grupos 1 e 3*)
Desconhecimento público sobre os mecanismos formais de proteção costeira e pouca articulação entre governos e esferas diplomáticas.

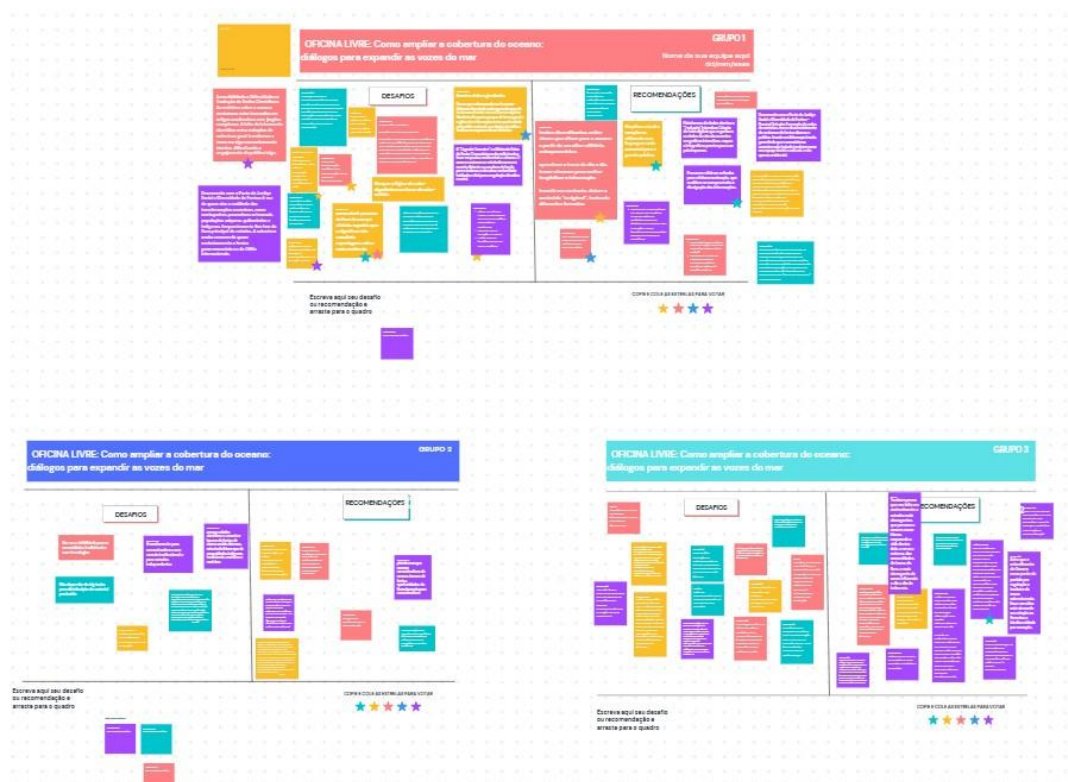


Imagem extraída a partir das contribuições feitas no Canva em 09/09/2026

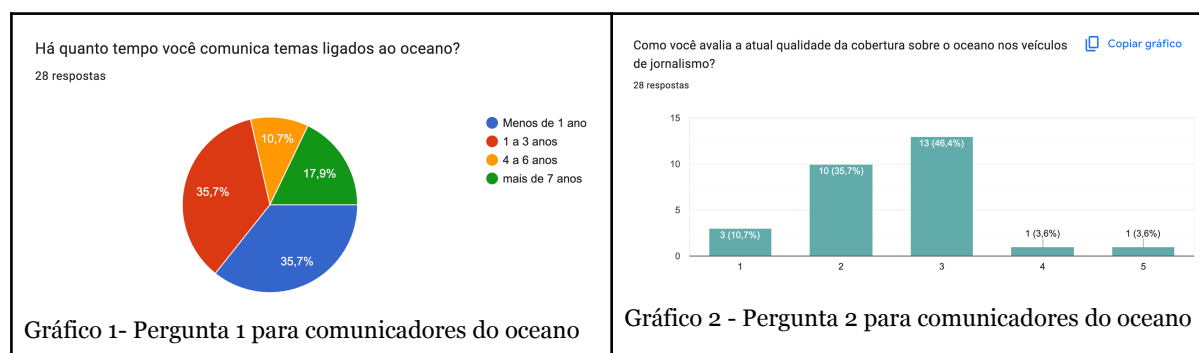
Dentre as principais recomendações, estão:

1. **Plataformas de Dados Abertos e Intermediação Científica** (*Grupos 1-3*)
Criação de *hubs* digitais com infográficos e mapas interativos, fortalecimento de pontes via agências de notícias de ciência e uso de canais diretos (como WhatsApp) entre cientistas e jornalistas;
2. **Integração Territorial e Interiorização das Pautas** (*Grupos 1-3*)
Conectar pedagogicamente o oceano ao interior explicando as relações entre cidades, rios e bacias hidrográficas, e explorar ganchos conceituais como a “Amazônia Azul”;
3. **Bancos de Fontes Diversos e Co-produção Descentralizada** (*Grupos 1 e 2*)
Criação de bancos de fontes focados em lideranças locais e femininas, acompanhados de parcerias editoriais entre a imprensa tradicional e mídias comunitárias;

4. **Educomunicação e Ações Continuadas nas Escolas** (*Grupos 1 e 2*)
Promover oficinas de educomunicação e projetos educativos nas escolas para aproximar crianças e jovens da cultura oceânica desde a base (Escola Azul);
5. **Editais Dedicados e Bolsas de Reportagem** (*Grupos 1 e 2*)
Criação de mecanismos de financiamento voltados a jornalistas e comunicadores independentes atuantes em territórios litorâneos e ribeirinhos (além dos já são oferecidos pelo Pulitzer Center e Fundação Boticário, Conexão Oceano, por exemplo);
6. **Narrativas Focadas em Soluções e Esperança** (*Grupos 2 e 3*)
Substituir o tom catastrofista por coberturas que enfatizem caminhos possíveis, resiliência comunitária e a transversalidade do oceano com economia, política e clima.

3) Resumo dos resultados do formulário, com 28 participantes.

Para organizarmos a Oficina Livre, enviamos um formulário com 4 perguntas fechadas de múltipla escolha e uma aberta para que os participantes compartilhassem sua experiência na cobertura do oceano e avaliassem a qualidade da cobertura do oceano na mídia, as dificuldades e sugestões para melhorar a cobertura e as pautas mais negligenciadas.



A maioria (71,4%) dos respondentes **comunica o oceano há menos de 3 anos**, dos quais 35,7%, há menos de 1 ano (Gráfico 1). Sendo que para **46,4% (13 pessoas)** a **cobertura do oceano é mediana**, para **46,4% (13)** ela é **insuficiente e superficial** e apenas 2 pessoas (7,2%) consideraram que a cobertura é abrangente e profunda (Gráfico 2).

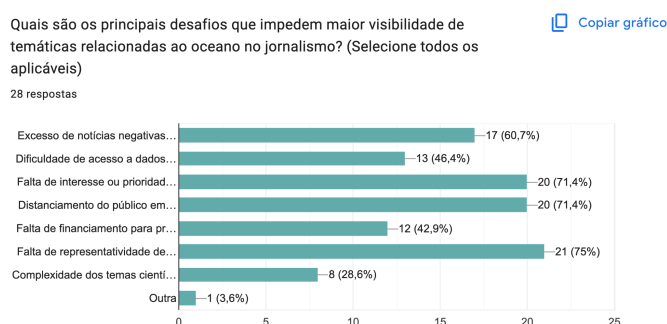


Gráfico 3- Pergunta 3 para comunicadores do oceano

Dentre os principais desafios que impedem maior visibilidade de temáticas relacionadas ao oceano no jornalismo (Gráfico 3), dentre os mais citados (por 20-21 pessoas) estão:

- **Falta de representatividade de vozes** de comunidades costeiras e marinhas (21)

- **Distanciamento do público** em relação ao oceano (20)
- **Falta de interesse ou prioridade editorial** (20)
- **Excesso de notícias negativas e catastrofistas** (17)
- Dificuldade de acesso a dados e informações científicas (13)
- Falta de financiamento para produções voltadas ao oceano (12)
- Complexidade dos temas científicos (8)
- Outros (1)

Sobre as estratégias para melhorar a qualidade da comunicação sobre o oceano (Gráfico 4), a maioria (28,6%, 8 pessoas) apontou a necessidade de “**Treinamento técnico específico para comunicadores e jornalistas**” e “**Maior colaboração entre cientistas e comunicadores**” (25%, 7 respondentes). Seguidos pelo “Aumento de editais de fomento para comunicar o oceano” (14,3%, 4) e pelo “Aumento de editais de fomento para comunicar o oceano” (14,3%, 4). Enquanto foram menos lembrados o “Acesso a bancos de dados” (10,7%, 3 pessoas) e “Investimentos para veículos de comunicação independentes” (7,1%, 2).

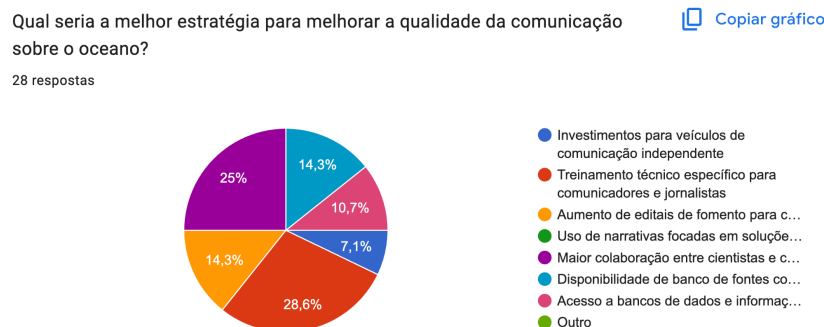


Gráfico 4 - Pergunta para comunicadores do oceano

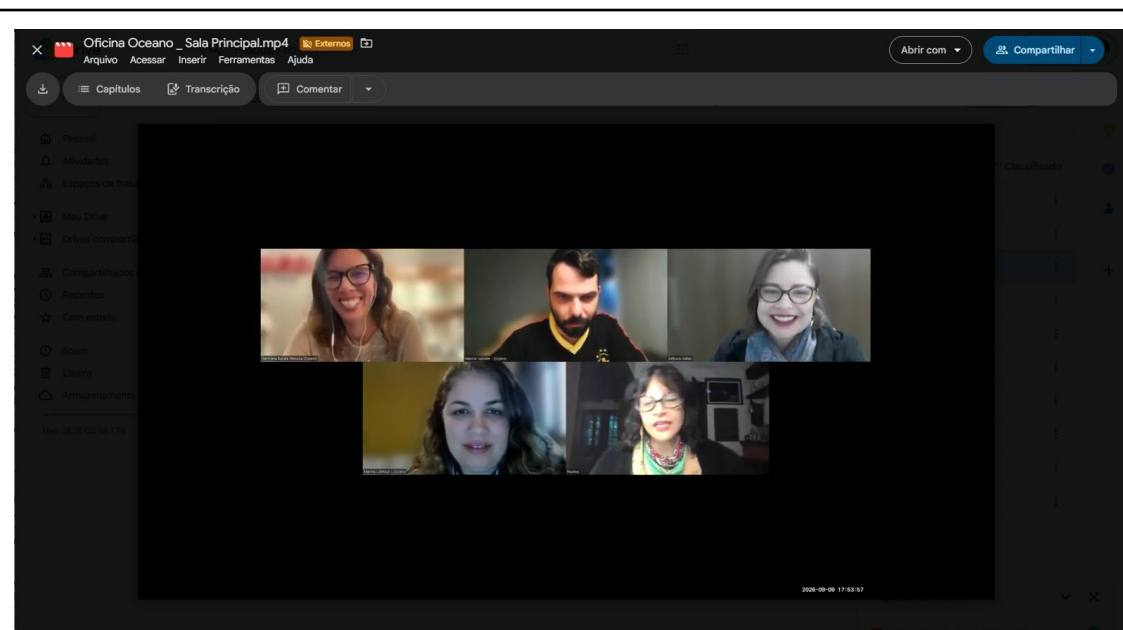
Dentre as pautas negligenciadas na cobertura do oceano mais citadas estão:

- **Comunidades Tradicionais, Pesca Artesanal e Impactos Sociais:** Falta de visibilidade e cobertura sobre povos tradicionais, comunidades costeiras e marítimas. Faltam abordagens sobre os efeitos sociais, econômicos, culturais, de saúde e de justiça social das atividades marinhas nessas comunidades;
- **Impactos das Mudanças Climáticas e Regulação do Clima no Cotidiano:** Os efeitos do aquecimento global no oceano e o seu papel na regulação do clima da Terra. Destaca-se a falta de tradução dessas mudanças para o cotidiano das pessoas, como a alteração na disponibilidade de frutos do mar, erosão costeira, umidade/clima local e impacto na agricultura;
- **Poluição Marinha, Microplásticos e Saneamento:** A poluição causada por plásticos, a presença de micro e nanoplásticos nas baías, a contaminação por petrolíferas e grandes empresas, e a ausência de saneamento básico nas regiões litorâneas;
- **Pesca Industrial e Sobrepesca:** Efeitos da pesca industrial, captura excessiva/sobrepesca e seus impactos nos ecossistemas e nas populações locais;
- **Políticas Públicas, Legislação e Gestão Costeira:** Pouca cobertura sobre legislações ambientais, políticas públicas, gestão de conflitos espaciais marinhos e instrumentos de planejamento urbano/costeiro.

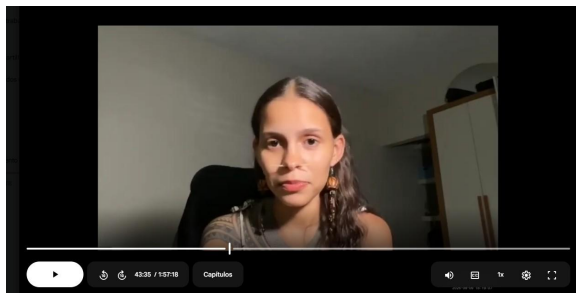
7 Recomendações para melhorar a cobertura sobre o oceano:

- **Aumentar as linhas de financiamento** para jornalistas e comunicadores (especialmente de canais independentes, locais e regionais) investirem em coberturas investigativas, aprofundadas, incluindo trabalho de campo;
- **Investir em cursos e treinamentos** para comunicadores e jornalistas utilizarem dados e informações científicas sobre o oceano, diversificarem as pautas e as fontes de informação; e para cientistas e especialistas comunicarem melhor o oceano junto à mídia e sociedade;
- **Investir em pautas focadas em soluções**, que incluam conexão emocional com o público e na transversalidade temática;
- **Investir na interiorização de pautas** e na conexão territorial com o oceano;
- **Fomentar co-produções e colaborações** entre veículos e profissionais de comunicação, mídias comunitárias, bem como co-autoria de matérias entre atores/atrizes sociais;
- **Disponibilizar bancos de fontes** com diversidade de especialistas, incluindo lideranças de comunidades indígenas e tradicionais costeiras e marítimas, com ênfase em equidade de gênero e representatividade regional e local;
- **Fomentar ações de educomunicação** nas escolas por meio de oficinas e projetos pedagógicos de programas como a Escola Azul, para aproximar as novas gerações da cultura oceânica através do jornalismo;

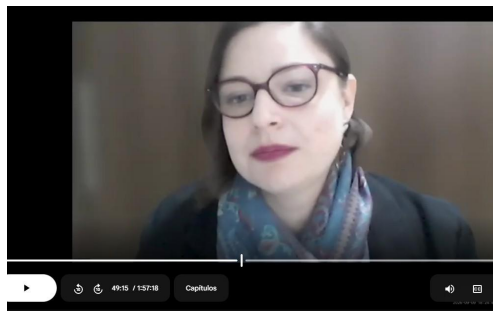
Algumas fotos da Oficina dos organizadores e das palestrantes



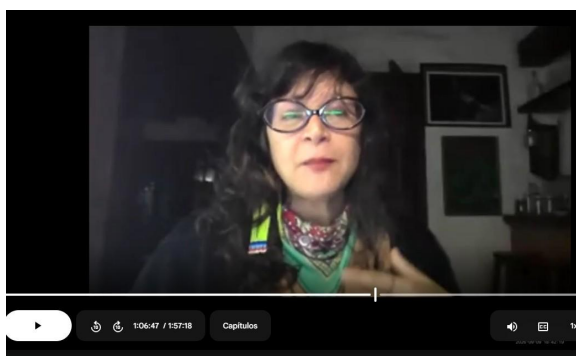
De cima para baixo, da esquerda para a direita: Germana Barata, da rede Ressoa Oceano, arcio Isensee e Sá de ((o eco)), Débora Gallas, da Agência Bori e Ressoa Oceano. Marina L'Amour ((o eco)) e Paulina Chamorro, do podcast Vozes do Planeta.



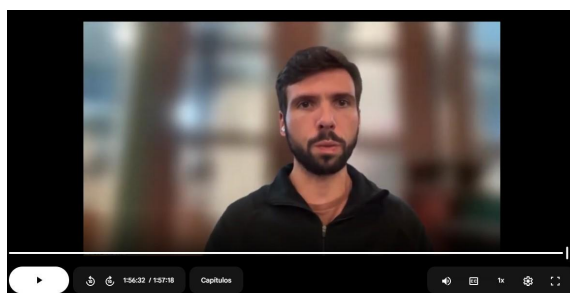
A convidada Alice Pataxó, comunicadora e embaixadora do Oceano do WWF-Brasil e do Vozes do Oceano.



A convidada Débora Gallas, jornalista de ciência da Agência Bori e da rede Ressoa Oceano.



A convidada Paulina Chamorro, jornalista ambiental, podcaster do Vozes do Planeta.



Maurício Ferro, criador e jornalista do Correio Sabiá e do Ocean Knowledge Hub.